

Contos da desigualdade: caminhos e embates vividos por estudantes que ingressaram no ProFIS

Tales of inequality: paths and debates experienced by students who joined ProFIS

Cuentos de la desigualdad: caminos y desafíos vividos por estudiantes que ingresaron al ProFIS

Lucas Buscaratti¹

Isabella Manfrim Teixeira²

Luiz Oliveira³

Murillo Monteiro Martins⁴

Resumo: O texto dialoga sobre as desigualdades culturais vivenciadas pelos estudantes do Programa de Formação Interdisciplinar Superior. As experiências ocorreram fora do contexto do curso, mas se relacionam com ele na medida que exploram a influência da educação básica no acesso ao ensino superior, ou mesmo quando destacam as transformações ocorridas, uma vez que passamos a compreender melhor os mecanismos que geram as desigualdades sociais e culturais, mas ainda não conseguimos combatê-las efetivamente no dia a dia. Assim, refletimos sobre esses contos do cotidiano a partir dos construtos desenvolvidos por Bourdieu, criticando as instituições de educação que têm caráter controlador, determinista e que se colocam a serviço dos poucos que se encaixam no padrão cultural estabelecido.

Palavras-chave: Capital cultural; Educação básica; Narrativas.

Abstract: The text discusses the cultural inequalities experienced by students in the Interdisciplinary Higher Education Program. The experiences occurred outside the context of the course but relate to it insofar as they explore the influence of basic education on access to higher education, or even when highlighting the transformations that have occurred as we come to better understand the mechanisms that generate social and cultural inequalities, though we still cannot effectively combat them in everyday life. Thus, we reflect on these everyday stories from the constructs developed by Bourdieu, critiquing educational institutions that have a controlling, deterministic nature and serve the few who fit the established cultural standard.

Keywords: Cultural capital; Basic education; Narratives.

Resumen: El texto dialoga sobre las desigualdades culturales vivenciadas por los estudiantes del Programa de Formación Interdisciplinaria Superior. Las experiencias ocurrieron fuera del contexto del curso, pero se relacionan con él en la medida en que exploran la influencia de la educación básica en el acceso a la educación superior, destacando las transformaciones ocurridas, ya que empezamos a comprender los mecanismos que generan las desigualdades sociales y culturales, pero aún no conseguimos combatirlas en el día a día. Así, reflexionamos sobre estos cuentos del cotidiano a partir de los constructos desarrollados por Bourdieu, criticando las instituciones educativas que tienen un carácter controlador y determinista, estando al servicio de los que se ajustan al estándar cultural.

Palabras clave: Capital cultural; Educación básica; Narrativas.

¹ Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas.

² Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

³ Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas.

⁴ Programa de Formação Interdisciplinar Superior, Universidade Estadual de Campinas.

Conto de introdução

Será isso, apenas, a ordem natural das coisas? Será esta nossa terra tão pobre que não ofereça, condições de vida decentes aos seus habitantes? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, ela pode dar alimento em abundância a um número de animais muitíssimo maior do que o existente. Só esta nossa fazenda comportaria uma dúzia de cavalos, umas vinte vacas, centenas de ovelhas - vivendo todos num conforto e com uma dignidade que agora estão além de nossa imaginação. Por que, então, permanecemos nesta miséria? Porque quase todo o produto de nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos.
George Orwell, 2007, p. 12⁵

Armado até os dentes e mesmo assim sem sorrir

Buscaratti, L. I.

Esses dias estava eu, estudante do último ano de graduação, no banco de trás do carro da família. Uma Kombi branca 1997, mais velha que eu, minha irmãzinha ao meu lado e meus pais nos bancos da frente. Estava tranquilo, depois de um dia em uma chacarazinha com piscina alugada por meus pais e uns amigos por R\$250,00, fim do dia, já começo da noite. Durante o caminho de volta para casa, em uma rotatória, um carro bem grande e preto nos acertou, e a Kombi, mais velha que eu, já sem conseguir mexer os vidros e trancar a porta de trás, agora teve a porta da frente amassada e sem condições de fechar, e meu pai, naquela situação, de imediato já teve sua expressão completamente roubada pela situação, demonstrando o mais pesado desânimo. Ao pararem os carros, desceu do gigante preto uma moça branca, loira e muito bem vestida, claramente instruída e com um certo poder aquisitivo que superava a classe econômica da minha família. Meus pais desceram sem muito saber como reagir, ele de camiseta regata e ela com roupas de piscina, foram olhados pela mulher, que também fitou nossa Kombi e disparou em suas primeiras palavras “Pelo visto vocês não têm seguro, não é?”. Uma frase que me atravessou, pois compreendi ali a interpretação que ela tirou da situação, mas meus pais não captaram a ideia e responderam inocentemente “não, não temos”, e isso me deixou sem reação, em silêncio. Ela fotografou a Kombi e disse que faria uns orçamentos para o conserto e pegou o contato da minha mãe, mas não passou o próprio número. Ela então nunca entrou em contato, e meus pais nunca entenderam o julgamento que tiveram, ainda penso em falar com eles sobre isso, mas nunca mais tocamos no assunto.

⁵ A Revolução dos Bichos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

Penso sobre e questiono: o que me fez compreender aquela atitude naquele momento? Por garantia observo que não se restringe ao materialismo, eu e meus pais estamos na mesma classe econômica, mas o que nos diferencia então? Acredito que devemos partir para um outro debate, dois na verdade, o primeiro a ser colocado aqui, levando em conta a possível cultura que eu adquiri no processo de estudos acadêmicos a qual meus pais não tiveram a oportunidade, no caso nem de completar o ensino médio, e o segundo debate guardo a mim, internamente, por tentar compreender o motivo de ter sido atingido pela violência simbólica daquela situação e não ter conseguido ao menos me impor, mesmo detendo todo um arcabouço teórico para isso. Assim, em decorrência dessa vivência e de tantas outras nossas ou dos nossos, sentimos a necessidade de olhar para a realidade de uma forma crítica, trazendo, finalmente, a teoria para fazer frente a esses pequenos ou grandes incômodos diários, que nem sempre conseguimos aprofundar, trabalhando a partir de conceitos fundados por Pierre Bourdieu que ressoam com as nossas experiências, vivências e atravessamentos cotidianos.

Consideramos que esse escrito só se torna possível graças ao nosso vínculo comum mais forte: o ingresso na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), através da política de ação afirmativa Programa de Formação interdisciplinar Superior (ProFIS). Desse modo, trazemos uma proposta que não nos é habitual, portanto, um tanto exploratória e até investigativa, que trata da narrativa dessas experiências vividas a partir do curso e que, graças ao mesmo, hoje somos capazes de questionar, com o objetivo de explicitar e narrar a desigualdade cultural que encontramos ao longo de nossa jornada.

A começarmos pela educação, que cá entre nós, é a ótica pela qual iremos observar as diferenças culturais, ou melhor, as desigualdades, as quais podemos encontrar de maneira nítida nas nuances dos caminhos vividos pelos estudantes do ProFIS. De um ponto de vista esperançoso, sonhador e libertador, acreditamos e trabalhamos para que o mundo seja transformado de uma forma positiva através da educação, o que inclui a atividade escolar, mas já se sabe que a instituição escola no cenário atual cumpre seu papel potente em manter as relações de produção do capitalismo, fazendo a manutenção de uma estrutura que beneficia uns e marginaliza outros, afinal, se não fosse dessa forma, programas como o ProFIS não seriam encarados como uma necessidade e não teriam sido implementados na busca pela inclusão dos excluídos.

Por essas iniciativas, torna-se perceptível que o acesso ao ensino superior tem passado por diversas transformações buscando a entrada de uma população mais diversa e representativa dentro das Universidades brasileiras, já que, como dizer que a população brasileira é

representada dentro de um espaço de ensino superior quando o dado da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que motivou a criação do ProFIS diz que em 2008 e 2009 observou-se que “aproximadamente 55% das escolas públicas da cidade não tiveram aluno matriculado na Unicamp e 20% tiveram apenas um matriculado” (ANDRADE et al., 2012, p. 703).

As diferenças culturais podem ser definitivas mesmo quando os estudantes comparados se encontram na mesma sala de aula. O desenvolvimento do que o sistema chama de habilidades e competências é desigual, afinal, todos sabem que em um ambiente escolar temos estudantes considerados bons e ruins, produtivos e desleixados, disciplinados e indisciplinados, mas também é possível observar a situação e questionar se em muitos desses casos não se tratam de estudantes que conseguem se encaixar em um determinado sistema de comportamentos e saberes e outros que nem tanto, em virtude das particularidades, preferências e necessidades específicas de cada um de nós, que somos, por natureza, diversos.

Infelizmente os que conseguem se sobressair no processo são vistos como os melhores, atribuídos a eles uma fábula de bênçãos e dons, todos desenvolvidos naturalmente, e neste caso, tendo os professores como instrumentos da manutenção de um fatalismo drástico, tirando do jogo não só aqueles que necessariamente possuem uma classe econômica muito diferente dos demais, mas que tem um capital cultural que os desfavorece em vista dos demais. Esse capital cultural é detido pela classe dominante e nutrido por ela, então os que o tem, são considerados dignos de uma ascensão, uma subida baseada em requisitos determinados pelos poderosos e oferecido desigualmente pela escola para a população, escola essa que é a responsável por possibilitar o ingresso no ensino superior, mas que também delimita uma régua torta, cheia de curvas, fazendo a manutenção das relações de classe que sustentam o sistema econômico capitalista, segurando os mais desfavorecidos fora e mantendo os mais favorecidos dentro do jogo.

Assim, coletamos e lembramos alguns contos, todos reais, vividos ou observados por estudantes do ProFIS durante seu percurso de ingresso, buscando dessa forma mostrar a quem lê alguns dos conceitos trazidos por Bourdieu, sendo possível que o leitor se identifique em alguns ou vários trechos dessas histórias que não são necessariamente as mais acolhedoras, mas que definitivamente devem ser compartilhadas, pois muito provavelmente, tanto nós que redigimos a escrita quanto você que a lê, estamos fora do jogo, e ainda sim, tentando jogar com as cartas e objetivos de uma classe que não nos pertence. Seguimos então com a prática envolvente de contar as nossas próprias histórias, buscando não somente questionar a realidade, mas valorizar o caminho que trilhamos até o momento e as oportunidades que tornaram possível

esse escrito, que diz da resistência daqueles que desde cedo são taxados de menos, mas que sempre buscam e tem potencial para ser mais.

Outros contos

Os sonhos que surgem pelo caminho

Magalhães-Oliveira, L. H. L.

Tive uma infância divertida, sorridente e feliz, ao voltar da escola passava o dia inteiro brincando na rua. Descalço, sujo e alegre. Eu sempre batia no portão dos meus vizinhos e dizia ansioso: “Vamos jogar bola, mano”. Ali, no campo demarcado por chinelos e pelas guias da calçada, entre um dedão rasgado e um joelho machucado, nasce um sonho no coração de mais um menino de periferia: ser jogador de futebol. Assim, buscando alcançar esse sonho para proporcionar uma melhor condição financeira para minha família, tive oportunidade de começar a treinar e fazer parte de um time, mas não foi fácil, pois com 14 anos já enfrentava 3 ônibus lotados apenas para chegar ao local do treino, com o dinheiro para a passagem contado, o que muitas vezes não me permitia comer algo na rodoviária, não importava a fome que eu estava sentindo.

Em vista de todo esse sacrifício que não era só meu, mas de toda a minha família - meu pai trabalhava como motorista em turnos que variavam entre manhã, tarde, noite e madrugada, e minha mãe trabalhava como cozinheira em uma das escolas do bairro, e era a comida não consumida na escola que nos alimentava nos almoços e jantares em casa - meu objetivo era ser o melhor que eu pudesse para me tornar jogador profissional, pois sabia que aquele dinheiro da passagem estava fazendo muita falta para nossa família. Porém, ao mesmo tempo em que eu sonhava alto com o futebol, não podia deixar de lado a minha realidade. O motivo principal de estar jogando futebol era para dar uma condição melhor para minha família, no entanto, o futebol ainda não me rendia retorno financeiro, e depois de muito pensar e ouvir histórias de outros parecidos comigo, desisti desse sonho. Então outro sonho começou a tomar forma: fazer um curso de graduação. Comecei a sonhar em fazer fisioterapia, pois acreditava que assim poderia continuar próximo do futebol, mas quando vi o preço da mensalidade das faculdades particulares me desanimei, afinal quase não conseguimos pagar as passagens para o treino, quem dirá uma parcela de mais de mil reais por mês.

Felizmente, pelo meu esforço e também por generosidade do destino e de boas pessoas que encontrei no caminho, tive a oportunidade de fazer um curso pré-vestibular particular no último ano do ensino médio e comecei a superar algumas defasagens que antes observava quando comecei a estudar para os vestibulares por conta própria. Minha esperança era conseguir alguma bolsa, entretanto, em uma conversa com um colega descobri sobre o ProFIS e, pesquisando mais sobre o curso e a forma de ingresso descobri que seria uma possibilidade para mim. Estudei muito durante todo o ano e comecei a me apropriar daqueles conhecimentos, me interessando por disciplinas que antes não tinha nenhum interesse como matemática e química. Depois das provas feitas os resultados vieram: havia sido aprovado em algumas federais, algumas particulares com bolsa de 100% de desconto e também no ProFIS, algo que me deixou em êxtase. Ainda pensando na área da saúde como uma das áreas que mais daria condições financeiras para minha família, pensava em cursar medicina após o término do curso, mas por conta de seu caráter interdisciplinar fui percebendo que gostava de resolver problemas, gostava do desafio que a matemática me trazia e do modo de pensar a que eu era submetido, pois primeiro, a gente aprendia sobre as ferramentas para resolver um tipo específico de problema e depois a usá-las para modelar o mundo ao nosso redor, algo que eu achava que era simplesmente incrível. Aos poucos, isso foi me guiando para mais perto da Engenharia, que antes eu nem cogitava ser uma opção. Contudo, o mercado da Engenharia é muito amplo, então precisava decidir, qual Engenharia específica eu deveria escolher, e depois de muita pesquisa, decidi que seria Engenheiro Agrícola, algo que senti que combinava comigo e poderia me trazer condições financeiras e também felicidade profissional.

Concluindo o ProFIS, ingressei no meu curso de escolha e agora continuo estudando muito e sempre ajudando meus colegas com as dificuldades que as disciplinas da área de exatas apresentam, assim como fiz no ProFIS e no curso pré-vestibular. Minha situação atual é de busca por todas as bolsas possíveis que a UNICAMP pode me oferecer, pois durante todos os meus anos de graduação dei monitorias através do Programa de Auxílio Didático (PAD), um tempo para a disciplina MA091 - Matemática Básica para o ProFIS e recentemente em uma disciplina que considero uma das mais difíceis da Engenharia Agrícola, FA470 - Dinâmica de Corpos Rígidos. Por muito tempo, tive receio de contar a minha história até chegar ao momento atual e abaixei a cabeça em vista daqueles que não entendem o privilégio que têm por andar de carro, morar perto de onde estuda, comer do bom e do melhor sempre sem precisar se preocupar com o valor, viajar e festejar durante as férias. Agora falo abertamente da minha trajetória, com muito orgulho, pois minha dedicação somada as oportunidades que

tive me trouxeram até aqui, e se eu consegui, outros parecidos comigo também conseguirão, se souberem da existência dessas oportunidades, pois diferente do que me disseram a vida toda, a graduação e os cursos como medicina, engenharia e economia não são somente para aqueles que têm dinheiro, mas são para pessoas como eu, que tem muita capacidade e só estão esperando a oportunidade de mostrar o quanto podem se esforçar para lutar pelos seus sonhos, que às vezes ficam pelo caminho, mas que dão lugar a novos sonhos que estão e devem estar ao alcance da nossa realidade.

O resultado do capital cultural junto ao *ethos*⁶ pode ser empolgante para estudantes favorecidos e desestimulantes para os desfavorecidos. Uma frase que sempre acomete os estudantes do ProFIS e que possa ser usada como instrumento de reflexão para o relato é “Isso não é para mim!”. Essa não crença no ingresso no ensino superior pode vir um canal potente, a família. Bourdieu (2015) debate uma questão relevante para essa discussão: as condições objetivas que regem as atitudes dos responsáveis diante da escola definem também a conduta das crianças diante da mesma instituição. É controverso querer que os estudantes das classes operárias desenvolvam uma aptidão e desejo pelos estudos quando as chances objetivas de ascensão social através da escola são ínfimas, já que entendem que os limites alcançáveis pelos membros de sua classe social, mesmo que por vivências empíricas, são de baixas expectativas quando comparados aos estudantes de classes mais superiores. Encarar esse conjunto de probabilidades sociais de cada grupo pode desencadear um processo cíclico, visto que, alguém que atinge seus objetivos tende a mirar seus próximos um pouco além dos anteriores, enquanto alguém que fracassa, direciona os seguintes abaixo do insucesso, e tendo seus companheiros de classe social realizando o mesmo, torna o comportamento do grupo desesperançoso em enxergar a ascensão social e essa por meio da escola. Para que os pais ou mesmo os professores despendam energia para encorajar os estudos de seus filhos e estudantes, esses precisam se destacar com muito mais agressividade, serem excepcionais para ao menos chegar ao ensino superior.

Contrariar uma estrutura de desesperança está longe de ser uma tarefa simples, afinal, quando fazemos estamos entrando em embate com todo o *ethos* da classe operária, vislumbrando uma luz de ascensão pela escola que precisa ser intensamente iluminada para ser notada. O ProFIS abre portas para que estudantes que nunca imaginaram pisar em uma universidade de alto nível para realizar seus estudos possam adentrá-la, um movimento que promove a quebra dos ciclos de malogro, permitindo que com as gerações subsequentes desses

⁶Valores internalizados que irão direcionar a conduta, comportamento de um determinado grupo social.

possam mirar seus objetivos mais alto, já que agora a visão da família sobre a ascensão social pela instituição escola já não é mais a mesma.

O Sol nasce para todos, mas a sombra é só para os poderosos

Buscaratti, L. I.

Quando ingressei no ProFIS ainda morava com meus pais. Um sobrado apertadinho e improvisado feito às pressas nos fundos da casa dos meus avós, o que custou o “nome limpo” dos meus pais com dívidas que sei que nunca serão quitadas. Após a morte dos meus avós, meus tios se mudaram para a casa da frente, e meu tio, irmão do meu pai, é um gênio. Nunca vi ainda uma pessoa tão criativa e com um potencial de resolução de problemas daquele nível, sempre o tenho como grande exemplo para mim. Meu tio trabalha com manutenção, elétrica, hidráulica, pintura e tudo mais, sempre estando nas equipes de manutenção das escolas mais caras da região metropolitana de Campinas. Uma das grandes especialidades são os equipamentos de ar-condicionado: fez cursos, instala, troca, higieniza, entende sobre as propriedades técnicas dos produtos e marcas comercializados, nunca vi alguém trabalhar com tanta expertise quanto ele.

Na época, meu tio fazia parte da equipe de manutenção de uma escola privada muito bem-conceituada perto da UNICAMP, o que me trouxe a sorte de pegar uma carona com ele todos os dias - mesmo que chegasse duas horas antes da primeira aula, é sempre bom estar na companhia do meu tio. Ele era sempre o funcionário destaque, até hoje tenho a impressão de que ele sabe de todas as técnicas, e gosto muito de parar para ouvi-lo falando sobre, sempre pegando os trabalhos difíceis e superando os prazos de entrega. Tanto na escola quanto em casa, ele é o “conserta tudo”, sempre é o nosso porto seguro para todas as manutenções necessárias.

Mesmo com o passar dos anos e mudanças de emprego, meu tio está agora em uma escola diferente, nunca perdeu a motivação em estudar e aprender mais sobre seu próprio trabalho, se tornou uma referência das boas nas instalações dos equipamentos de ar-condicionado, é dos melhores na pintura mesmo que não goste muito da função e é o Az da elétrica com acabamento fino. Uma curiosidade estranha, e que hoje compreendo melhor, mesmo que meu tio fosse sempre tão bom em todas essas coisas, nosso sobrado ganhou uma camada de reboco depois de tantos e tantos anos, nossa pintura nunca foi feita, nosso chão é cimento puro nos quintais e é todo quebrado, e mesmo com a especialidade do ar condicionado,

sempre sofremos com o calor dos dias quentes, afinal, o Sol nasce para todos, mas ter o conforto e o frescor nos dias mais quentes é só para alguns, já que nunca tivemos dinheiro para comprar os materiais que conferem ao meu tio todas as suas especialidades.

Bourdieu (2015) apresenta o estado do capital cultural chamado de objetificado. Se apropriar culturalmente de um bem leva tempo, pois exige incorporação do conteúdo simbólico. Tomando um quadro de arte como exemplo: por herança, os filhos de seu dono poderão ter acesso direto ao material em sua posse, porém, desfrutar do simbolismo da pintura vai além de apenas tê-la, mas sim do capital cultural incorporado para compreender a peça. Porém, nem sempre alguém que não dedicou seu tempo para adquirir essas habilidades ficará sem desfrutar desse capital cultural sobre um objeto, podendo comprar os serviços de quem dedicou. Um exemplo mais prático, imagine que você possua uma cafeteira, das mais caras, uma que aceite grãos de café torrados artesanalmente e o misture com seus próprios ingredientes para fazer um *Capuccino* único, mas essa torra é um procedimento que você não tem o conhecimento e a prática para fazê-lo. Você tem o bem material, mas se apossar culturalmente dele exige dois caminhos: aprender a torrar grãos de café artesanalmente ou contratar alguém que o faça. Sendo o procedimento realizado por alguém sem instrução escolar e sem um bom rendimento financeiro, esse trabalhador que terá incorporado a habilidade não poderá desfrutar da preparação desse *Capuccino*, pois não possui o poder aquisitivo para adquirir uma cafeteira como essa. Porém, um cidadão da burguesia que não dedicou seu tempo aprendendo a técnica, poderá mesmo assim aproveitar do capital cultural sobre o objeto, podendo comprar a mão de obra que servirá como mediadora para que possa desfrutar dos benefícios da máquina mesmo sem nunca ter mobilizado esforços para.

Podem questionar meus métodos, e também meus resultados

Buscaratti, L. I.

Durante meu ensino fundamental, infelizmente não tive as melhores oportunidades de convivência com meus colegas da escola. Sempre tive traços de personalidade considerados pelos outros como fora do padrão heteronormativo, e mesmo que na época eu não compreendesse o que eu era, tanto pela falta de informação quanto pela falta de espaço para falar sobre, todos ao meu redor já haviam entendido. Confesso que foi um pouco duro, anos recheados com agressões físicas semanais, ameaças constantes, brincadeiras vexatórias e às vezes até arremesso de comida da cantina da escola. Esse tratamento estranho fez com que eu

usasse todos os meus esforços para não estar na escola, o que me rendeu boletins repletos de notas vermelhas. A cada 9 disciplinas, pelo menos 6 delas tinham nota 4, que era o peso da prova, pois sempre ia nos dias de prova, conseguia uma ótima nota e evitava voltar nos dias seguintes.

Quando cheguei no ensino médio, mudei para uma escola que desejava muito, e minha vida então mudou junto a isso. Até hoje sei que esse período novo representa uma das melhores fases da minha vida, mas como nem tudo são flores, colhi os frutos do ensino fundamental. Na época, a UNICAMP lançava programas de cursos de férias, programas de iniciação científica, e esses utilizavam o histórico do ensino fundamental para definir o ingresso dos estudantes. Mesmo tendo nota 10 em pelo menos 9 disciplinas das 12 existentes, com apoio dos meus professores, o papel que demonstrava minha falta de rendimento anterior sempre me desfavoreceu diante dos meus colegas. Assim segui até o final do ensino médio, em que tive a sorte de tirar a nota mais alta do ENEM da escola em que estudava. Digo sorte porque sei que muitos conteúdos que encontrei na prova eu havia tido contato no curso técnico que fazia à noite, me colocando à frente dos outros, e, mesmo fazendo o ensino médio pela manhã, trabalhando à tarde e cursando o técnico à noite, competi com colegas que trabalhavam nos outros dois períodos.

Assim, ingressei no ProFIS, e minha rotina mudou, já que agora estudava em período integral e ainda cursava o técnico à noite, e por fim, trabalhava aos fins de semana. Por mais que eu tenha conseguido ser o primeiro, claro, graças às oportunidades que tive, não carrego um sentimento de orgulho ou mérito sobre tudo isso. Sempre questioneei todos esses métodos de ingresso, baseados sempre em notas que nos dizem a partir de números quem possui mais capital cultural, e penso até os dias de hoje, quase oito anos depois, em todos os meus colegas tão bons quanto eu e até melhores em tantas coisas que ficaram para trás. Muitas das vezes em que já pensei em desistir me apoio em todos eles, mesmo que não saibam, por eles sigo firme para chegar o mais longe possível, e quando chegar, fazer sempre com que caibam mais de nós e que não os percamos no caminho.

Métodos de seleção e avaliação por muitas vezes podem ser considerados injustos. Tomar como uma verdade fixa o aferimento do rendimento de um estudante em uma ocasião pontual nos fecha os olhos para diversas variáveis reais, inclusive que podem estar afligindo um estudante no momento da avaliação. Infelizmente o resultado desencadeia muitas vezes processos que conferem vantagens e instituem um determinado capital cultural para determinado grupo. Avaliações diretas, conforme argumentado por Bourdieu (2015), podem ir

do tudo ao nada, produzindo descontinuidades brutais, afinal, o que define uma separação significativa entre o último aprovado e o primeiro reprovado?

Durante o ProFIS, diversos obstáculos avaliativos são enfrentados pelos estudantes. O poder institucional de definir os aptos para adentrar campos de ascensão social se inicia já para ingressar no programa, visto que são escolhidos de um a dois estudantes por escola estadual baseando-se na nota do ENEM. E novamente repito a pergunta, o que define uma separação significativa entre o último aprovado e o primeiro reprovado? Bem, no meu caso foram 8 pontos no exame, uma prova que vale 1000, será que houve uma diferença real entre nós?

Ao longo do curso, o destino acadêmico dos estudantes também é definido por avaliações instituídas, impedindo com que todos os estudantes consigam ingressar em suas primeiras opções de graduação, já que várias delas, como algumas engenharias, oferecem apenas uma vaga para o programa. Já escutei diversas vezes de algumas pessoas frases como: “Ah, se abrirem mais vagas para o ProFIS, o nível do curso vai cair” ou ainda no sentido oposto: “Nossa, 10 vagas da medicina para o ProFIS, que privilégio! Tem que reduzir”. Bem, privilégio ao meu ver nesse cenário consiste em poder frequentar uma escola com muita qualidade e pagar um curso pré-vestibular potente, ao invés de reduzir a provável única oportunidade de um estudante do ProFIS ingressar em medicina na UNICAMP e às vezes, a única de ingressar no ensino superior. No final das contas, após tantas provações inconsistentes, somos frutos de algo que nem acreditamos e muito menos compactuamos, a meritocracia instituída na forma do capital cultural em seu estado institucionalizado, estado que poderá ser observado por outra ótica no próximo conto.

CONTO DE FECHAMENTO

Puxaram a cadeira quando fui sentar

Monteiro-Martins, M. R.

Eu entrei na UNICAMP em 2022 por intermédio do Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS), curso que em sua essência e existência transpira política. Ser profissiano⁷, é ser político desde o seu ingresso, pois, temos que explicar diariamente o que é o ProFIS ou o porquê ele se faz necessário. Embora minha vida política não tenha se iniciado no momento do ingresso, ele tem um papel fundamental na minha percepção (de mundo, de economia e de educação), sem falar na vivência acadêmica.

⁷ Termo informal para designar um estudante do ProFIS.

No ano passado (2023), me candidatei para o Conselho Universitário (CONSU) na eleição de representante discente para o ano seguinte, convicto que por meio da participação política poderia transformar espaços que seriam por mim alcançados graças à representação discente, que por sua vez, acredito não ser um espaço tão plural e diverso como se é divulgado. Para minha surpresa e de meus colegas de chapa, tive minha candidatura indeferida, pois a Comissão Eleitoral justificou que o ProFIS não é graduação, logo, naquele momento eu era inelegível. Chega a ser controverso a UNICAMP, uma universidade pública, não ser tão plural e diversa, mas essa realidade é muito comum quando se é profissiano.

A democracia da UNICAMP é unilateral e segregacionista, pois eu tinha o direito de votar, mas não podia ser votado, com isso o sentimento de exclusão dos benefícios democráticos vão se tornando ainda maiores, bem como, o não pertencimento ao ambiente universitário. Num momento de esperança, entrei com recurso embasado na própria Diretoria Acadêmica da UNICAMP (DAC), a qual, classifica o ProFIS como graduação e afirma que na nossa universidade existem apenas 3 classificações: Técnico, Graduação e Pós-Graduação e o ProFIS chega mais perto da graduação do que das demais. A resposta da Comissão Eleitoral me manteve inelegível e, além disso, retiraram também o direito dos estudantes do ProFIS de votarem para as representações discentes. Nesse momento a esperança que se mantinha viva em mim, morre e, torna-se um misto de sentimentos negativos que transitavam entre a raiva da injustiça, a decepção com a realidade e a sensação de desvalorização, como se fossemos descartados e todo conhecimento formativo que adquirimos durante esses dois anos não servissem para nada. O simples fato do ProFIS não ser considerado graduação o exclui dos direitos que os outros estudantes da UNICAMP possuem, algo que foi escancarado para todos sem o menor receio, como se realmente esse curso não fosse parte de sua própria criadora.

Refletindo sobre essa situação, me recordo da música “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil (BUARQUE, 1978), que possui dois trechos que traduzem bem o que eu sentia naquele momento, porém, não sabia verbalizar: “Mesmo calada a boca, resta o peito” e “Melhor seria ser filho da outra; Outra realidade menos morta; Tanta mentira, tanta força bruta”, visto que, diante da derrota, me mantive quieto, mas por dentro sofri amargamente pela injustiça que eu e meu curso havíamos vivido, sem ter o que fazer, tendo em vista que claramente não éramos o “lado mais forte”.

Para Bourdieu (2015), um outro estado que podemos encontrar o capital cultural é na forma institucionalizada, que, para a realidade em que o ProFIS está inserido, também se torna muito presente na vida acadêmica desses estudantes. O estado institucional desse capital

confere vantagens para uns, os quais detêm de alguma forma uma comprovação concreta que o define portador desse conhecimento. Um certificado, um diploma, ou no caso aqui, categoria estudantil, confere uma relação de poder aos que o possuem, como é o caso dos graduandos em relação ao ProFIS.

Por mais que sejamos da mesma idade e possuímos o mesmo grau de instrução que grande parte dos ingressantes vestibulandos, o tratamento é certamente diferenciado. Infelizmente essas situações não são esporádicas, pois dias atrás, após escrevermos um projeto bem articulado que integrava educação e pesquisa para um edital, fomos indeferidos por não sermos da graduação, e antes disso, a própria equipe dessa agência interna da UNICAMP mostrou não entender muito bem a existência e ocupação do programa, tendo vários diálogos nos oferecendo esperança da participação, que não ocorreu.

O ponto que levanto aqui traz a resolução do nosso último conto, pois, quando escancaramos o papel do capital cultural institucional para nossa própria universidade, que criou o curso do qual fazemos parte, esperamos uma movimentação de reorganização de suas regras a fim de nos incluir como compromisso ao caminho mais diverso que tem tomado, especialmente considerando que o programa já existe e funciona a mais de uma década, e a resposta real que recebemos foi de exclusão, retirando nossos direitos “parciais” sobre o funcionamento da UNICAMP e nos colocando uma nova barreira à frente, mas que, deixemos claro, nenhum de nós tem intenção de aceitar sem movimentar esforços para ultrapassá-la. Perdemos algumas batalhas, mas seguimos sempre lutando, buscando expandir os espaços que alcançamos e assim, conquistar cada vez mais cadeiras para que mais dos nossos consigam sentar.

Referências

ANDRADE, C. Y. *et al.* Programa de formação interdisciplinar superior: um novo caminho para a educação superior. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 93, p. 698-719, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

BUARQUE, Chico. Intérpretes: Chico Buarque e Milton Nascimento. Compositores: Gilberto Gil, Chico Buarque. *In*: Chico Buarque, Polygram: N.V., 1978. 1 CD, faixa 2.

Sobre os autores e a autora

Lucas Buscaratti: Egresso do Programa de Formação Interdisciplinar Superior. Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas.
E-mail: buscarattis.lucas@gmail.com

Isabella Manfrim Teixeira: Egressa do Programa de Formação Interdisciplinar Superior. Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: i218243@dac.unicamp.br

Luiz Oliveira: Egresso do Programa de Formação Interdisciplinar Superior. Graduando em Engenharia Agrícola, Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: l221228@dac.unicamp.br

Murillo Monteiro Martins: Estudante do Programa de Formação Interdisciplinar Superior, Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: m176455@dac.unicamp.br

Recebido em: 28 jan. 2024

Aprovado em: 29 abr. 2024